A luta continua  
por Mazin Qumsiyeh\*  
  
Regressei a este país (e é um país) para encontrar uma situação ainda mais  
tensa do que era há duas semanas atrás. Um colono israelita atropelou  
crianças palestinas matando uma de 5 anos e ferindo outra. Um nativo  
palestiniano atropelou um guarda da fronteira israelita em Jerusalém,  
matando um e ferindo vários. Tais incidentes são cada vez mais frequentes.  
  
O sionismo começou aqui como um movimento colonial para transformar uma  
florescente multi-religiosa Palestina em EJIL (Estado Judeu de Israel no  
Levante). O apoio das potências ocidentais foi e continua a ser crucial  
para o estabelecimento do EJIL e a sua manutenção (cada vez mais  
dispendiosa). Os movimentos coloniais devem, por um lado, destruir a  
sociedade nativa e, por outro lado, construir uma nova sociedade. No caso  
da colonização da Palestina (agora chamada Israel), a destruição é de  
cortar a respiração. Somos 7 milhões de refugiados ou de pessoas  
deslocadas (de uma população de 12 milhões). A terra da Palestina  
histórica que nos resta para viver é de cerca de 8% (incluindo os guetos  
da Galiléia, Naqab, Gaza, Jerusalém Oriental e Cisjordânia).  
  
Agora milhões de colonizadores da Europa e de outras partes do mundo  
controlam 92% do território, mais de 90% da água, todas as fronteiras e  
todos os outros recursos naturais do país. A política sionista do poder  
virou direito e significa que os direitos humanos e o direito  
internacional não são aplicáveis aqui. Isto aumenta a frustração e a raiva  
dos povos nativos. Os nativos foram privados de liderança real  
(anteriormente a OLP) e têm agora uma "Autoridade Palestina" (AP),  
aprovada pelos EUA / Israel. Os homens da AP estão mais preocupados com  
seus empregos do que com o futuro da Palestina, e actuam agora como  
esbirros da ocupação. Esta foi a armadilha que foi criada nas negociações  
da Noruega em 1993 (posteriormente referidas como os Acordos de Oslo).  
Desde então, só na Cisjordânia, o número de colonos israelitas aumentou de  
180.000 para 650.000. A vida para os restantes palestinianos tornou-se  
cada vez mais insuportável (excepto se pertencem à elite da AP, cuja  
maioria está em Ramallah). Para manter um sistema racista significa  
alimentar um sistema educacional e social israelita que leva cada vez mais  
a sua população a extremos.  
  
O sistema chauvinista e esquizofrênico, alheado do futuro, caminha lado a  
lado com o fascismo. Casas estão a ser destruídas, milhões de nós não têm  
direito a viver no nosso país, nem o direito de visitar, nem rezar nas  
igrejas e mesquitas em Jerusalém. Os esforços de transformação para o país  
parecer cada vez mais "judeu" aceleram-se, especialmente, nos arredores de  
Jerusalém provocando mais tensões. Israelitas decentes estão a abandonar o  
sistema (são agora 300.000 a viver na Alemanha, onde há o maior  
crescimento de população judaica). Os Palestinos sem lugar para onde ir  
estão a ficar desesperados. A pressão aumenta como o vapor numa panela de  
pressão. Os actos de violência individual que vemos são apenas um sintoma  
deste sistema insustentável e o perigo está a alastrar-se. O Estado Judeu  
de Israel no Levante (EJIL) tem que ter novos estados como o sunita (ISIS)  
e xiita e outros, de modo que ser "naturalizado" em vez de ser o único  
sistema de apartheid na Ásia Ocidental.  
  
As nossas escolhas ainda são 1) o poder faz o direito, ou 2) os direitos  
humanos, incluindo a abolição de estados baseados na religião, e a  
insistência em democracias seculares. O primeiro caminho leva a uma  
situação em que todos ficamos a perder, e o segundo a uma situação em que  
todos ficamos a ganhar. Não há um cenário vencedor-vencido (como MLK disse  
uma vez ou vivemos juntos em igualdade com outros seres humanos ou  
pereceremos juntos como tolos). Ficar pendurado entre dois caminhos apenas  
significa mais extremismo, mais violência, e mais injustiça. Escolher a  
democracia, os direitos humanos e a justiça não é fácil e pagamos um preço  
(financeiramente, fisicamente, etc.). Somos nós, as pessoas que devem  
fazer por isso (já que todo o mundo reconhece que, na sua maioria, os  
nossos políticos são hipócritas e tolos egocêntricos). O dia em que voltei  
também foi o dia em que as "eleições" nos EUA nos deram um congresso ainda  
mais subserviente inclinado para aumentar a destruição da economia dos EUA  
com o fim de servir interesses especiais. Alguns de nós pagam preços mais  
pesados do que outros e alguns até foram mortos (muitos dos meus amigos  
foram mortos em manifestações não-violentas). Alguns perdem empregos ou  
casas. Alguns são feridos. Alguns passam anos como presos políticos. Mas é  
uma luta existencial e deve ser levada a cabo. Como fazê-lo e manter a  
dignidade, a humanidade e a paz interior é um desafio. «Não se pode ser  
neutro num comboio em movimento» sem que a apatia seja conivente com a  
opressão. Quando a nossa curta estadia neste mundo se aproxima do fim,  
vamos nos arrepender ou sermos orgulhosos de ter tentado torná-lo melhor?  
A escolha é óbvia.  
  
Para aqueles que querem saber acerca da minha estadia de quase duas  
semanas na Europa: Conheci centenas de pessoas. Falei em mais de 15  
eventos em três países (França, Suíça e Noruega). Estabeleci bons contatos  
para ajudar a estabelecer projetos conjuntos entre o nosso Museu de  
História Natural da Palestina e alguns grupos europeus para trabalharmos  
no desenvolvimento sustentável, democracia e justiça (ou seja, ajudar-nos  
a viajar ao longo do caminho em que todos ficamos a ganhar). Todas as  
parcerias com pessoas que compartilham esta visão é bem-vinda. A luta  
continua.  
  
Mazin Qumsiyeh  
[http://palestinenature.org](http://palestinenature.org/)  
[http://qumsiyeh.org](http://qumsiyeh.org/)  
  
Fonte: <http://grupoaccaopalestina.blogspot.pt/>  
  
\* Mazin Qumsiyeh é investigador em genética e professor nas universidade  
de Belém e Birzeit. É presidente do Centro Palestiniano para a aproximação  
entre os povos. É uma figura importante da resistência popular contra a  
ocupação israelita.